

# O POPULAR

10 DE MAIO  
DE 1884

# O POPULAR

PERIODICO CRITICO, LITERARIO E NOTICIOSO.

## ORGÃO DO PVO.

## ASSIGNATURAS

Trimestre .....	28000
Avulso .....	200

« Roubem-nos todas as outras liberdades, deixem-nos  
a da imprensa, e nós reanquistaremos  
as liberdades perdidas. »

## ASSIGNATURAS

Trimestre .....	33000
Avulso .....	200

### O POPULAR

PARAHIBA, 10 DE MAIO DE 1884.

#### • Inspector d'Alfandega e seus escriptos.

## Postscriptum.

Em nosso numero anterior conseguimos a serie de artigos, com que nos encarregamos de responder aos escriptos do actual inspector d'alfandega d'esta provinencia, insertos nas columnas do « Liberal Parahybano ». Deixando, portem, em o n. 206 da referida folha com nova cantilena d'esse mesmo funcionario, intitulada — *ultima verba*, — vemo'ns na necessidade de voltar hoje á carga.

Quando já constava do « Diario Official » a remoção do Sr. Codeceira de Inspector da Thesouraria de Fazenda do Rio Grande do Norte para o cargo que exerce aqui actualmente, a presidencia d'aquelle provincia dirigiu-lhe um officio declarando que « por conveniencia do serviço publico e de conformidade com a circular do ministerio da fazenda de 7 d'Abri de 1873, sob n. 134 » resolverá que continuasse elle em exercicio até ser « substituido pelo seu successor, Paulilio Fernandes Barros ».

O Sr. Codeceira, supondo essa peça oficial um cavallo de batalha, entendeu em sua alta sabedoria que não devia deixar de dar-a à publicidade para demonstrar que por sua illimitada honradez « sempre e em qualquer parte » serviu « a contento » de zeus superiores.

Pois bem; vamos provar que o officio em questão não deve ser interpretado, como elle quer, argumentando com as suas proprias palavras, contidas nos dous seguintes periodicos.

« Voltando á deliberação da presidencia, devo dizer que ella contrariou em grande parte os meus interesses individuaes, pois que precisava eu então ir á provinencia de Pernambuco, tratar d'elles; e, deixando imediatamente o exercicio, ficar-me-hia em disponibilidade maior espaço de tempo.

« Effectivamsnte consegui que S. Exc. dispensasse-me d'esse sacrificio; e, como todos sabem, aqui passei para Pernambuco no dia 12 de abril, a passo que o meu successor, Paulilio Fernandes Barros, só 22 ou 23 dias depois assumiu o exercicio do seu cargo. »

« Acho que ahí fica dito

sabem mais admirar: se o

zeloso, como se

inculca, não ter-se sujeitado ao sacrificio de seus interesses individuaes por amor do serviço publico, se o presidente tal o dispensado de continuar no exercicio, não obstante ser necessaria a sua permanencia até que chegasse aquelle que fora nomeado para ocupar o lugar.

Alem d'isso não foi o Contador da mesma Thesouraria quem passou a desempenhar interimamente o cargo de inspector, depois que o Sr. Codeceira deixou o exercicio?

Setal não conviesse, é claro que o não permitiria a presidencia.

Logo o officio d'esta nem constitue um padrão de gloria para o actual inspector d'alfandega d'esta provinencia, nem desabona o distinto empregado Sr. José Estanislau da Fonseca Lopes, que por sua aptidão e honestidade foi recentemente nomeado para o lugar de 2.º Escriputario da Caixa de Amortização na Corte.

« Conveniencia do serviço publico, — empregada em dita peça official, não tem a significação que astuciosamente lhe dá o Sr. Codeceira.

Diz este senhor, de execranda

nomada, que enquanto dirigiu a al-

fandega e depois a Thesouraria de

Fazenda do Rio Grande do Norte

apenas foi censurado pelo « Con-

servador », da mesma provinencia, e

em um unico numero por haver de-

mittido dous collectores.

Para se avaliar da insubstancial

d'essa censura devia tel-a transcripto

no artigo a que agora respondemos,

como o fez com a lisongeira noticia

que deu a seu respeito o « Correio

do Natal » em seu n.º 113 de 16

d'Outubro de 1881.

Antes de terminar o Sr. Codeceira

não pôde resistir ao desejo de

fallar ainda uma vez no tal vicio

secreto, que torna idiotas aquelles

que o praticão. E' o caso de dizer

« de que cuida disso usa. »

Temos concluido.

—»»»—

A fraccão politica do « Liberal Parahybano », sobejamente convencida do menospreço que lhe vota a opiniao publica d'esta provinencia e desapontada com a incessante e severa opposição que a maioria da imprensa ha feito aos innumeros escandalos seus e d'aquellos que a thruferam e são por ella favoneados, ultimamente tem-se afadigado em escrever correspondencias para as columnas do « Diario de Pernambuco », « Jornal do Recife » e « Diario do Brazil ».

Desvirtuando os factos, tecendo elogios a autoridades inteiramente

baseados de criterio, elevando a

timo ceu de Ptolomeu individuos que nenhuma importancia têm em nossa sociedade, chamando de funcionarios distinatos, intelligentes, zelosos, com futuro invejável, tipos que são geralmente reconhecidos como a vergonha da classe, elas vale-se d'essa meio com o fim de levar a sua débil e desprestigiada vez até as altas regiões do poder, na esperanca de ser assim mais bem sucedida em seus perversos desejos até hoje malogrados.

Esteril tentativa.

Merece de Deus o governo geral possuir o criterio e a penetração suficientes para se não deixar iludir com insultos e cantos de sereia.

No « Diario do Brasil » n.º 83 de 18 de p. p. acabamos de deparar com um d'esses acorvos de falsidades sob o titulo « Parahyba ».

Mas não vale a pena fazer caso d'essa pá... lha secca, derivada sem dúvida das mãos de certo aleijado, que só é mestre em enganar entre nós, verdadeiro pygmeu que depois de haver coberto de injurias e improperios a pessoa do 1.º vice-presidente Dr. Antonio Alfreido da Gama e Melo, acovardou-se apenas lhe foi atirado um osso e vive hoje a lambem-lhe miseravelmente as plantas.

Continuo esse e os outros associaos do « Liberal Parahybano », não dissemos bem, do « pasquim official » a emboscar-se no intuito de fazer echo lá fora, abrigados nas columnas dos alludidos jornais.

Não os tememos e temos fé que havemos de triunfar, porque defendemos uma causa justa e sympathica-a causa dos opprimidos.

Pouco nos importa que chamem de pasquim o nosso modesto periodico.

Isto só prova o quanto se achão despeitados com a opposição que fazemos aos seus desvarios.

« Por que não se apela á justiça? »

E quanto nos basta.

Sinceramente nos magoa o estado melindroso de sua preciosa saúde pela qual fasemos votos ao Altissimo, para que em breve a readquira.

**Exemplo á consules.** — E verdade bem deponente que no Brazil existem consules de repúblicas e nações livres, os quaes possuem escravos contra a propria lei de seu paiz.

« Sanando este abuso e dando um exemplo digno de ser imitado, o Sr. Floripes Rosas, consul da Republica do Paraguay libertou generosamente a unica escrava que possuia, na capital da Parahiba do Norte, onde reside. »

Applaudindo este acto de suprema justiça, fazemos sinceros votos para que o Sr. Floripes Rosas tenha imitadores que façam honra á Nacionallidade que representa no Imperio do Brazil.

**Passageiro Ilustre.** — Entre nós estive ultimamente, de passageiro para o Maranhão, onde vi o Inspector d'Alfandega o nosso distinco amigo o Sr. capitão João Mendes Pereira, em companhia da sua Exm'. Familia.

Alguns amigos fôrdo a bordo recebel-o e acompanharam-no até a casu do nosso presido amigo Capm. Vicente do Rego Toseano de Brito, onde era esperado com um profuso e lento almoço.

Depois de fazer algumas visitas, retirou-se para bordo as 3 horas da tarde, acompanhado dos amigos que saudosos o virão partir á seu destino.

Falemos ventos e condusão em paz e a salvamento encontrando muitas prosperidades na senda que homradamente trilha, como funcionario publico inteligente e probíodozo.

**Consorcio.** — A 3 do corrente receberam-se em primeiras nupcias o honrado comerciante d'esta praça Sr. Jacintho Pedro de Mello e a Exm'. Sra. D. Alexandrina Amalia de Azevedo, virtuosa filha da Exm'. D. Flerecia Coutinho d'Azevedo.

As felicidades de que se descurrou escusam de signar.

Na noite de 20 de Junho, o Consorcio descarregou escusas e signou.

Na noite de 20 de Junho, o Consorcio

## GAZETILHA.

**Chegada.** — Em o vapor « Gequia », da compagnia Pernambucana, veio acompanhado de sua Exm'. familia o nosso presadissimo amigo, e comprovinciano Dr. Benjamin Franklin de Oliveira e Melo, digno juiz de direito da comarca de Jaguaripe-mirim, na provinencia do Ceará, bastante doente dos incomodos que ha meses o atormentão.

Procurando os patrios lares o o

sejo da familia buscou elle lenitivo e

cura dos sofrimentos que o opprimem.

# O POPULAR

# O POPULAR

Nesta praça gira sob a firma Ma-  
nado, Lopes & C°.

Inteligente, labiríntico, o admi-  
ravelmente ativo, posto que no vor-  
dor da ilha, elle exageramente cita-  
do como um dos ornamentos da clas-  
se portuária e ora que encane-  
mentos outros som jamais so-  
breviram. Dotado de grande for-  
ça de vontade o que elle era dava a si  
proprio, auxiliado por alguns verda-  
deiros amigos, que sempre presara-  
ram-no, como merecia.

Quando, ha pouco, se agitou na  
praça de Pernambuco uma questão  
que não estamos recordados sobre que  
ponto de escripturação mercantil,  
elle, a instâncias, manifestou-se pela  
imprensa a tal respeito e fel-o pro-  
ficientemente, figurando entre as  
quelles cujo modo de pensar foi ap-  
rovado pelo congresso da guarda  
livros da corte, a cuja decisão foi su-  
bmetido o assumpto. A sua auto-  
risada opinião foi muitas vezes con-  
sultada pelo Tribunal do commercio  
da mesma praça.

E pena que tão cédo haja desap-  
parecido da face da terra esse preci-  
oso e modesto mago.

Tudo vindo aponas 4 ou 5 vespas  
a esta cidade, depois que se montou  
a cabaria a vapor dos Srs. Santos  
Gomes & C°. de cuja escripta era  
também encarregado, foi isto bas-  
tante para elle grangear muitas e  
sinceras sympathias entre os para-  
hybanos e tornar-se conhecido no  
seio do commercio. Foi n'um desses  
seus passeios que começámos a en-  
treter com elle relações de amizade.

A notícia de seu falecimento foi  
para nós uma amarga surpresa; du-  
vidámos a principio mas infelizmen-  
te a verdade se nos impôs mais tarde  
quidam estava de volta.

— Meu caro, eu cá não escrevo a  
vapor — disse-lho meio aborrecido.

— O caso é que estou empatico —  
respondeu-me elle.

— A pena é minha! Bem sabe que vi-  
vemos n'uma terra demasiado es-  
cassa de acontecimentos — repli-  
quei-lhe.

Comprometti-me entretanto a  
mandar-lhe dentro em pouco algu-  
ma cousa e só assim pude ver-me li-  
vre de tanhamo cacoé, como dizem  
os estudantes.

Avali o leitor em que difficil po-  
sigo não me vi para cumprir com  
prestes a minha promessa.

O torneio de bilhar, anunciado  
no "Diario da Parahyba" seria um  
belo assumpto, mas esse não pas-  
sou de projecto. Nem se quer foi  
para inglez ver, com o que dizem te-  
rem ficado furiosos os subditos de S.  
M. Britanica, que para elle se achav-  
ao inscriptos e contavão com os  
importantes premios prometidos.

A companhia dramatica dos Srs.  
Lima Penante e Soares de Medeiros  
depois de longo desaguisado, do qual  
resultou ficar sensivelmente muti-  
lada com a saída dos artistas Medeiros  
e isolina; apenas deu um es-  
pectáculo e esse por demais chri-  
stianim. Hoje creio que ella está dis-  
solvida. A mor parte do pessoal já  
bateu a linda plumagem para outras  
plagias, deixando aqui como teste-  
mundo de sua passagem algumas  
joias de valor, vendidas por pouco  
mai ou nada.

Uma regata também projectada e  
para a qual nos consta que já se es-  
tavão fazendo ensaios, teve a més-  
ma sorte do torneio.

A falta de assumpto, pois, fago  
aqui ponto final.

Au plaisir.

mo d'aquellos já gastos pelo tempo  
e fartos de gozar; sempre a mesma  
ostentação da mocidade de ambos os  
sexos e especialmente do fragil esse-  
se cuja principal aspiração é o ca-  
samento.

Falar do jejum, das confissões,  
das persiguições com agua benta,  
dos gudás, da malta molecoria que  
os accommoda e despedida ao bin-  
balhar dos sinos e ao explosivo da gi-  
randola, seria repetir uma chapa fas-  
tidiosa e demasiado gasta... Assim  
entendendo, preferi guardar silêncio  
a respeito da epocha em que o roast  
beef cede o terreno ao cold fish, a gal-  
linha, o pato e o peru ao camarão,  
á ostra e ao caranguejo, n'uma pa-  
lavra a peccaminosa carne ao inno-  
cente peixe. A boca se me enche  
d'água só em lembrar-me d'essa epo-  
cha dos magnificos ensopados, das  
appetecíveis frigideiras e das excel-  
lentes maçabegas.

Sendo inutil toda a minha dili-  
gencia em demanda de outro as-  
sumpto, não pude dar chronica parti-  
o ultimo n.º do "Popolar".

Hoje, porém, quando eu menos  
esperava, eis que me apparece o  
compositor um tanto enfadado e de-  
pois de cumprimentar-me friamente,  
diz-me faltarem tréz tiras para com-  
pletar a materia.

— Venha d'aqui a pouco — respon-  
di-lhe.

Apenas retirou-se o nosso homem,  
apareci o lapis, preparei o papel e  
comecei a dar tratos á imaginacão no  
seio do commercio. Foi n'um desses

seus passeios que começámos a en-  
treter com elle relações de amizade.

A notícia de seu falecimento foi  
para nós uma amarga surpresa; du-  
vidámos a principio mas infelizmen-  
te a verdade se nos impôs mais tarde  
quidam estava de volta.

— Meu caro, eu cá não escrevo a  
vapor — disse-lho meio aborrecido.

— O caso é que estou empatico —  
respondeu-me elle.

— A pena é minha! Bem sabe que vi-  
vemos n'uma terra demasiado es-  
cassa de acontecimentos — repli-  
quei-lhe.

Comprometti-me entretanto a  
mandar-lhe dentro em pouco algu-  
ma cousa e só assim pude ver-me li-  
vre de tanhamo cacoé, como dizem  
os estudantes.

Avali o leitor em que difficil po-  
sigo não me vi para cumprir com  
prestes a minha promessa.

O torneio de bilhar, anunciado  
no "Diario da Parahyba" seria um  
belo assumpto, mas esse não pas-  
sou de projecto. Nem se quer foi  
para inglez ver, com o que dizem te-  
rem ficado furiosos os subditos de S.  
M. Britanica, que para elle se achav-  
ao inscriptos e contavão com os  
importantes premios prometidos.

A companhia dramatica dos Srs.  
Lima Penante e Soares de Medeiros  
depois de longo desaguisado, do qual  
resultou ficar sensivelmente muti-  
lada com a saída dos artistas Medeiros  
e isolina; apenas deu um es-  
pectáculo e esse por demais chri-  
stianim. Hoje creio que ella está dis-  
solvida. A mor parte do pessoal já  
bateu a linda plumagem para outras  
plagias, deixando aqui como teste-  
mundo de sua passagem algumas  
joias de valor, vendidas por pouco  
mai ou nada.

Uma regata também projectada e  
para a qual nos consta que já se es-  
tavão fazendo ensaios, teve a més-  
ma sorte do torneio.

A falta de assumpto, pois, fago  
aqui ponto final.

Zezé Junior.

## Baleias.

Costa que foram prejudicados no  
concurso que prestaram na thesouraria  
de farsenda d'esta província, para prati-  
car de farsenda, entre outros o Sr.  
Arthur Rabello, nomeado em conse-  
guencia do mesmo examen, praticante  
de conducta invejável; é necessário  
mostrar-se habilitado por meio de con-  
curso, como exige a lei, embora se lhes  
ministrem os dados para concursar,

como, segundo dizem, sucedeu no que  
timanha prestarão na thesouraria  
de farsenda, o mesmo Sr. Arthur Rabello,  
e outros felizardos, com plena scien-  
cia do Sr. Padilha.

Não temos dúvida em acreditar que  
semelhante abuso se commeteu no al-  
ludido exame, desde que havia nece-  
sidade de se preparar terreno, para  
que o mesmo Sr. Padilha pudesse fa-  
zer dez preparatórios d'um só folego!

O primeiro homem que consta ter tentado  
a ethica flagra foi Icaro.

Organizou umas azas com cera e penas,  
material que lhe pareceu preferível, con-  
seguiu chegar a grande altura, donde foi  
preciso com velocidade uniformemente ac-  
elerar, é que n'aquele tempo as leis physi-  
cas exigiam que se acham hoje, como  
no tempo de Icaro.

O sr. fundiu a cera das azas e despresou as  
penas, deixando que o aeronauta tivesse a  
phantasia de saborear uma tremenda queda.

A este seguir-se Monolo que «volatilizou-se»  
por occasião de uma tempestade.

Naturalmente o fundador de Roma foi rebo-  
rado por interesses pequeninos, como  
fazem por occasião d'essa discussão  
procurou insinuar o nobre deputado a  
consa mais leve.

O ascenso de S. M. Manoel Mariz  
foi escapatória escapar à gravidade, com-  
mobilmente refestelado em um c'ro do fogu-  
eiro certamente por equinos descendentes do  
antigo Pegaso que era mundo d'um b'co de azas.

Finalmente temos o «espirito santo», que  
também trouou azas, não para subir, mas para  
baixar á terra.

Tendo de ser submetido a uma pressão con-  
siderável, aconselhou a prudencia que mudasse  
o seu simples espirito, por si só  
assim compressivo, elle viesse sob forma mais  
resistente.

A similitude dos mergulhadores, que pro-  
tege o corpo com um escaphandro de forma e  
apropriado ao fim de suas expedi-  
ções, assim também o trivino mensageiro, ten-  
do de penetrar as profundezas onde reina uma  
pressão e temperatura exageradas, protege-o  
com um envoltorio de forma e consistencia  
apropriadas ao fim de sua divina missão.

Nos tempos modernos o numero dos aeronau-  
tas tem crescido extraordinariamente.

Acho admirável que só agora se ti-  
vesse descoberto um meio de voar.

As tradições antigas contam um  
grande numero de animaes que voa-  
vam, maior desembarço e  
graves acidentes.

O avestruz, o cysne, o pato, o drago  
e ainda muitos outros são d'esse numero.

Conta a Mythologia que o Pegaso  
cavalo «pur sang» raras vezes se loco-  
mova com as pernas.

A final, elle e seus descendentes dei-  
xaram o officio, que talvez não terão  
de readquirir, pelo uso frequente das  
ferraduras, que quotidianamente vão  
augmentando seu peso, já de si considerável.

O nosso amigo Aragão em breve  
mostrará a província e ao paiz quão  
iniqua e acintosa foi sua demissão.

O caso de se dizer com o característico  
de sal da oportunidade : demos tempo ao

Tempo ...

— A humanidade tem uma tendência manifesta  
para subir e dominar as altas regiões das aves.  
Desde a celebre experiência de Icaro ate ho-  
je, uma serie imensa de experimentadores tem  
achado a atmosphera por mil maneiras.

Os que ainda não tentaram a experiencia, já  
sabem que é impossivel voar, as menos uma vez, «por mais

que se acham hoje, como é que se acham hoje, como  
no tempo de Icaro.

O Sr. Gadelha — Achó impossivel.  
O Sr. Fausto — Já me confessou a  
verdade, não obstante, parem, procurarei desem-  
brigar este compromisso como poder.

O Sr. Assumpção — V. Ex. dá li-  
ceu para um aparte?

O Sr. Fausto — Para quantos qui-  
ser.

O Sr. Assumpção — Se a companhia  
tem carta de que a garatia de juros  
de ser puramente nominal pode fa-  
cer o prolongamento sem essa garan-  
tia.

O Sr. Fausto — Aceito todos os as-  
pectos, dou tempo ao Sr. Tachygrapho  
para que procure responder a que  
haja naquelle esperanca que não  
possa ter hontem, pela consciencia  
da nenhuma importancia em que é tida  
esta pobre e abandonada província pe-  
los poderes do Estado? (Muito bem das  
galeras).

Ora se isto é uma verdade que cala  
no espírito de todos, como é que rega-  
mos um presente d'esse governo que  
nos tem abandonado e que a bem pou-  
co tempo cercou os p'los as desgraças  
que nos aniquilará? (Muito bem das  
galeras).

Era que se funda a esperança de que  
nos seja dado hoje aquilo porque em  
ainda temos clamação tanto em tão lon-  
gos annos, para regeitar-nos o que  
nos é dado como esmola?

O Sr. M. Manoel — Pode ser um  
presente de grego.

O Sr. Fausto — Não venho acusar  
passado alguma malice o nobre deputado,  
a quem respondi deu a entender que  
alguns de seus colegas em d'este es-  
tado tem escrupulos.

Foi nomeado para substituir ao libe-  
ral Aragão o conservador Vicente de  
Souza Nazareth, que deve ser bem co-  
nhecido na thesouraria geral, pois, se-  
ndo o de collector, por morte do seu  
padre que era um velho de ban, por al-  
guns meses arredondado para sete centos  
e tantos mil réis, sem que até hoje  
tenha entrado com tal quantia para o  
tesouro nacional!! E' um moço que  
não inspira confiança, mas o Sr. M. Manoel  
Cavalcante, não sendo assessor de  
jornal algum, querer o de outros e  
precisa de um agente a seu gosto para  
assim o fazer.

E' mesmo o Sr. Vicente de Souza  
Nazareth, precisava de uma agencia  
para levantar a cabeça, pois no pequeno  
emprego que, por caridade, tinha no  
cemiterio publico, de cem mil rs., au-  
tuava, não podia fazer figura e nem  
pagar quatro centos e tantos mil rs., como  
o fez ao P. M. Manoel Vieira da  
Costa e Sá, quando arredondou o dinhei-  
ro de reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como é minha con-  
victio, tendo esta assemblea decretado  
uma verba de vinte quatro contos de  
reis, que vai faser falta a outras  
despesas para subvençao d'uma com-  
panhia de vapores estrangeiros, que  
no nosso porto, convinha que se condene-  
asse o prolongamento.

O Sr. Fausto — Aiuda quando fosse  
verdade que a garantia de juros não  
se tornou nominal, como

No litoral, onde havia algumas casas que são hoje em pequeno numero, não existem além destas senão alguns armazens de deposito, sem outro adiantamento, e ninguem se lembrou da possibilidade de mudar-se o Mossoró para Areia-branca que é onde se acha o porto...

O Sr. JERONIMO NOBREGA: — Apoiado.  
O Sr. FAUSTO: ... e a razão é o terreno não se prestar, como não se presta o Cabedello à fundação de uma cidade com os commodos necessarios a vida.

Não nos devemos tomar d'esse receio, por que nunca acontecerá; e se por ventura isso acontecesse em consequencia do prolongamento da estrada, os nobres deputados dão um argumento de mais em favor da opiniao que defendo.

Pois se a Parahyba durante muitas desseus de annos na la tem se adiantado com um rio n'regavel, e tão encrucido pelos nobres deputados; se temificado estacionaria, e os nobres deputados preveem ate a possibilidade da mudança d'esta cidade em um futuro mais ou menos proximo para o Cabedello, pelo facto do prolongamento da estrada qual é a consequencia logica d'esse modo de pensar? E que o porto do Cabedello tem de influir tanto sobre o commercio, sobre a produçao da província e suas fontes de renda que, a pezar de tudo a cidade para ali se mudará. ( Apoiados das galérias )

Por tanto ainda esse argumento vem em apoio da nobre causa, que defendo, tanto mais quanto veremos em tão pouco tempo um grande florescimento material, que até hoje não conseguimos.

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Não devemos sobrecarregar o Estado com garantias de juros para esse prolongamento até o Cabedello, quando temos necessidade de seguir com a estrada para o interior da província.

O Sr. FAUSTO: — E depois Ses., como já disse, vamos levantar-nos contra um favor, um beneficio que o governo geral nos quer fazer, em virtude de autorisacao do corpo legislativo?

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Porque elle não tem dinheiro para gastar.

O Sr. FAUSTO: — Quanto á questão de utilidade d'esse prolongamento, é uma questão vencida na camara superior; e não sei como hoje levanta-se a assemblea provincial, e vai dizer ao governo geral: « Isto não presta, nós não queremos este favor, que nos querem conceder por determinação dos nossos representantes no parlamento!!! »

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Usamos de um direito que nos pertence; se não servir o remedio, paciencia.

O Sr. JOAO TAVARES: — Não uzão d'es- se direito, que não lhes compete.

O Sr. FAUSTO: — Srs., os nossos reprezentantes n'assemblea geral ver-se-ão em grandes dificuldades quando tiverem de tratar dos interesses d'esta província ( Apoiados ). . .

O Sr. CAMPELLO: — Dá um aparte.  
O Sr. FAUSTO: ... por que não poderão ter-se preocupado d'esta questão, se não depois de madura reflexão; com os recursos de que dispõem muito acima dos meus deves conhecimentos, devião ter encarado a questão por todas as faces, e terem proposto a adopção dessa medida convencidos de que prestavão um serviço relevante à sua província.

Tinham o dever de fazer, por que uma voz que deve-se presunuir auctorizada, já se levantou n'esta província para dizer, que a nossa representação tinha expressão e nem significação alguma isto era dito, e se procurava os representantes da nossa província, ao mesmo tempo que a entregal-a a um estranho.

Não quero falar de dessa pessoa que assim agiu, e nosso representantes, por que está na consciencia de todos os nobres deputados quem é este patriota.

De sorte que estão os nobres deputados na situação d'aquele janotá, que bula, ja de meia idade a quem não se amantes que não é de mesma idade, e arrancavam, os nobres deputados para outra os braços, e elle afogou.

O Sr. CAMPELLO: — Dá um aparte.

O Sr. FAUSTO: — Deixa a nos

usura da praça vizinha, dos capitalistas d'ali!

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Não apoiado.  
O Sr. FAUSTO: — Não ha quem ignore, como se faz o commercio n'esta capital.

O Sr. CAMPELLO: — Muito honradamente.

O Sr. FAUSTO: — Nem eu o estou condemnando.

O nobre deputado não pode ser mais amigo da classe commercial, do que eu.

O Sr. CAMPELLO: — Vou prevenindo apenas.

O Sr. FAUSTO: — Quer render-lhe preito á minha custa? O commercio d'esta capital, está na consciencia de todos, se faz d'este modo: Os seus capitais sendo pequenos ( e n'isto não vae injuria ) . . .

O Sr. CAMPELLO: — Por certo que não, por que temos pouco o que vender.

O Sr. FAUSTO: ... Os negociantes recebem os conhecimentos da carga e os vendem em Pernambuco; ali recebidos vão ser descontados nos bancos; de sorte, que quando os capitais chegam n'esta província, já sobreearregados de juros; razão pela qual os nossos generos não tem aqui o preço, que lágrão em outras partes...

O Sr. BENEVIDES: — Isso é uma verdade.

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Isso é uma escamotagem que não acredita ao commercio.

O Sr. FAUSTO: — É uma operação de credito como outras, os nossos exportadores pagam além d'issso a estadia, despêza enorme, que não se compara com a que teria de fazer d'aqui para o Cabedello.

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Para evitar isso é que damos 24 contos de reis para a companhia de vapores que toquem em nosso porto.

O Sr. FAUSTO: — Para que? Para vir aqui um vez por mez...

Abrimos as portas aos capitais estrangeiros, ao primeiro cosmopolita do mundo e não precisamos de pagar ao estrangeiro para vir ao nosso porto.

O Sr. ASSUMPÇÃO: — Estão abertas, se não vem é porque não querem.

O Sr. FAUSTO: ... Então por mais que facamos a nossa capital regorgitará dos productos da província, e os capitais do estrangeiro virão para cá.

O Sr. CAMPELLO: — Quando houver agricultura elas virão.

O Sr. FAUSTO: — Em quanto nós estivermos na dependencia do commercio de Pernambuco havemos de continuar n'esse estado de abandono. ( Apoiados das galérias )

Sabido mais os nobres deputados que a nossa província, aliás grande produtora, figura no estrangeiro insigneitamente. ( Muito bem )

Uma grande parte de nossos produtores bem como sabem os nobres deputados, pelas barreiras, vão pagar os impostos gerais em Pernambuco d'onde seguem, como productos d'aquelle província e de outras, e não como da Parahyba. ( Apoiados : muito bem )

Desta capital saem navios cheios de nossos productos pagando somente o imposto provincial, deixando o geral para pagar em Pernambuco. E assim a nossa província; aliás uma grande produtora, figura no estrangeiro como uma ociosa.

O Sr. BENEVIDES: — Quem tinha culpa d'issso era a alfândega.

O Sr. FAUSTO: lá vem a alfândega!

O Sr. FLOAC: — E o governo geral.

O Sr. FAUSTO: — Mais uma vez por tanto vêm os nobres deputados, que eu tinha razão quando disso que a questão era de maior magnitude, e que razão tive para estranhar o acondicionamento, com que esta representação passou aqui, e a precipitação com que foi julgada a sua materia.

O Sr. ASSUMPÇÃO: — É engano de V. Exc., não houve acondicionamento nem precipitação, porque a 8 dias que se discute.

O Sr. JERONIMO NOBREGA (ao orador) O nobre deputado está no ponto capital da materia.

O Sr. FAUSTO: — O acondicionamento não é notado somente em relação a esta questão.

A poucos d'ho condado mercadão esta caza um projecto de ro conde...

O Sr. CAMPELLO: — não passou.

O Sr. FAUSTO: — não me interessa.

quentes e continuos eu me callarei! Querem cortar o fio de minhas idéas quando eu quero que tudo conste d'esta discussão, para deixar bem patentes os motivos de meu modo de ver em contrario ao dos nobres deputados.

Como ia disendo: vimos em 3.ª discussão esse projecto estacar deante de uma barreira invencível, segundo se me affigurou.

Esse projecto Srs., havendo passado em 1.ª e 2.ª discussão, não podia soffrer emendas, maximamente em 3.ª, porque a questão principal era de utilidade, e, desde que elle foi considerado util, devia terlo passado em 2.ª passar em 3.ª.

Mais o que vimos? Um deputado disse alguma cousa contra esse projecto, que qualificou de pilula dourada, e eis a sua passagem embragada na 3.ª discussão... Eis o que acontece com os negócios tratados no meio da precipitação.

Vimos ainda na sessão de hontem o corpo commercial levantar-se contra a decisão já proferida em favor do mesmo projecto por esta assemblea em 1.ª e 2.ª discussão.

O nobre deputado por tanto, querámo-lo como argumento contra o prolongamento da estrada de ferro para o Cabedello a oposição d'esse commercio, não pelo tem hoje desautoral-o figurando-o de inconsciente, quando elle reclama contra aquillo, que passou em 1.ª e 2.ª discussão n'esta caza! . . .

O Sr. ASSUMPÇÃO: — O commercio não tem assento aqui.

O Sr. FAUSTO: — hontem leu-se uma representação do commercio e hoje vem elle protestar contra o que pode-sê dizer, já foi vencido.

O Sr. M. MARIA: — Vencido não, que ainda ha a 3.ª discussão.

O Sr. FAUSTO: — A qual não voltará mais por que... Não devemos Srs. proceder com tanta precipitação.

Vou ainda oppôr ao argumento, de que se serviu o nobre deputado, a opinião do commercio, o modo de pensar do mesmo commercio hontem e perguntar aos nobres deputados quando é que o commercio tinha razão: quando aplaudia esse tentamen do prolongamento da estrada para o de Cabedello que se devia abrir ao commercio estrangeiro, como fonte de riqueza publica d'esta província estancada por uma olha mais forte do que, a de que se serviu o nobre deputado para me tolher a palavra n'esta matéria? . . .

Mais ia eu disendo... já nem me recorda em que ponto estava. A falta de habito da tribuna...

O Sr. CAMPELLO: — V. Exc. vai provar que o commercio é incoherente

O Sr. FAUSTO: — O nobre deputado mesmo foi quem me fez perder o fio de minhas idéas com os seus apartes. Por caridade ao menos não me interrompa por que assim me pôs para dormirar-me muito tempo na tribuna.

O Sr. CAMPELLO: — lembrei apenas a V. Exc. o ponto em que tinha ficado.

O Sr. FAUSTO: — Não me supponha V. Exc. cheio de prevenções.

Ei irei perguntar depois de ouvir o commercio quando é que elle tinha razão?

O Sr. CAMPELLO ( consultando o relógio ): — V. Exc. deve pedir prorrogação da hora por que ella já findou.

O Sr. FAUSTO: — Eu vou ler a opinião do commercio ( desdribando um jornal ) e depois farei a pergunta que desejo.

O Sr. CAMPELLO: — A hora esta finida; V. Exc. peça prorrogação e eu voto por ella.

O Sr. FAUSTO: — Me parece que o nobre deputado não é o presidente da meza; e se o nobre presidente ainda não entendeu dever me chamar a ordem como é que quer V. Exc. arrogar a si essa tarefa?

O Sr. CAMPELLO: — Da um aparte.

O Sr. FAUSTO: — Estou convencido de que o nobre presidente d'assembléa não procurará tolher-me a palavra.

O Sr. PRESIDENTE: — Peço ao nobre deputado que resuma o seu discurso o mais possível por que a hora está a terminar.

O Sr. FAUSTO: — Sr. presidente, o assunto é de importancia tal que eu, podendo falar ainda quatro horas não teria esgotado as considerações que desejo fazer, mas eu não irei lá, por que, alem de me faltarem forças físicas não tenho recursos acumulados nem as precosas habilidades para de-

senvolver como deveria um assunto de tanta importancia.

O Sr. CAMPELLO: — E' m' testim V. Exc. tem falado.

O Sr. FAUSTO: — Muito obrigado. Peço licença à caza para ler o artigo do Commerce de 26 de Maio de 1882.

O Sr. CAMPELLO: — O orga... merceio é Mercantil.

O Sr. FAUSTO: — Se disponho tempo para discutir esta m... mez, entendo que não era i...

O Sr. BENEVIDES: — Mas os outros negócios, os outros assumi... temos de tractar? . . .

O Sr. FAUSTO: — Por isso n'esso é que digo-se tivessemos tempo, com isso quero exprimir a magnitude da questão.

( O orador pede a caza, consultada, consenta que elle o art. de que tracta )

( Lendo ): « Desde que se concebeu a estrada de ferro nesta província, que entrou nesse plano, como complementar docas, e outros melhoramentos d'arte no porto de Cabedello.

A utilidade d'essa obra é prompta intuição; mas apesar disto, as s... de privilégios e nas contrac... portante clausula.

Agora que está em anamento a estrada de ferro Conde d'Eu; e que temos fundada a esperança de que alguns vapores da Europa terão de fazer escala por nosso porto, o Cabedello não pode deixar de prender a atenção.

O mau estado de nosso rio da barra até o porto da capital, será um grande obstáculo a que os va...

atlanticos, possam no curto espaço de sua estadia nos portos, demandar o da capital, e por isso o Cabedello é inevitavelmente o ponto ter... viagem, e por isso será urgente dispensável em quanto unir por meio da facil e prompta transpo... o Cabedello à capital, não só para a condução das milhas passageiros, como de mercadoria.

Dois são os meios de conseguir essa junção; ou pequenas barcas a vapor que ali estacionem, e se encarreguem d'esse serviço de transporte. E o prolongamento da nossa estrada de ferro até Cabedello.

O primeiro meio é actual e exequivel, porque seria feito por particulares, em que terão de ser... capital; e sabendo que em nossa praça não os há em abundância, e disponíveis para essas empresas, que em começo não prometem avantajados lucros. »

Vem os nobres deputados que a nossa grande questão, o que nos pode salvar são esses capitais...

O Sr. CAMPELLO: — E a lavoura em primeiro lugar. Onde houver produtos ha capital.

( Continua )

## ANNUNCIO

### ATTENÇÃO!

José Antônio Martins Leal pede a todos os scos fregueses que tem contas em seu estabelecimento desde 1876 até a presente data o favor de virem satisfazer os seus debitos.

Outro sim, declara a esses fregueses, que de maio de corrente anno em diante irá chamando pelos nomes aquelles que amigavelmente não quiserem pagar suas contas, pois devem estar satisfeitos com o forçado prazo de cinco annos.